

O ESPELHO TEM TRÊS FACES

KRISTINA CLIFF-EVANS

Tenho cinquenta e um anos. A idade de minha mãe quando morreu. Lembro-me claramente do seu último dia de vida. Era uma segunda-feira chuvosa e minha mãe não conseguia respirar.

- É fluido - disse o médico. - Vamos extrair o líquido dos pulmões.

Sentaram minha mãe na cama do hospital e introduziram uma longa agulha em suas costas. Tentaram repetidas vezes, mas não conseguiram retirar qualquer líquido. Nem aliviar sua dor.

- Não há fluido - o médico disse. - É só tumor. Não podemos ajudá-la a respirar.

Lembro as palavras desesperadas de minha mãe:

- Não consigo respirar. Aumentem o oxigênio por favor.

Mas aumentar o oxigênio não ajudou. Seus pulmões, tomados pelo câncer, lutavam pelo ar. Minha mãe sussurrou para mim suas últimas palavras:

- Quero que seja bem rápido.

Minha mãe devia ter envelhecido. Seu cabelo escuro, salpicado de cinza, devia ter se tornado branco como neve. As linhas do rosto, delineadas pelos sorrisos, deviam ter-se tornado rugas suaves. Seu caminhar rápido devia ter-se tornado um andar mais lento, mais maduro.

Minha mãe devia ter vivido para ver seus cinco netos crescerem. Para envolvê-los com seu jeito de amar tão especial e ensinar-lhes coisas com sua sabedoria. Ela devia ter partilhado, mão na mão, seus anos dourados com papai - ela foi a única mulher a quem ele amou. Mas nada disso aconteceu. Ela não estava mais aqui, nunca teve a oportunidade. Tinha cinquenta e um anos e morreu.

Eu tinha vinte e sete anos, então. Ao longo dos anos, nunca se passou um dia sem que eu pensasse em alguma coisa que quisesse lhe dizer, perguntar ou mostrar a ela. Eu me revoltava contra a injustiça dessa situação. Não era justo minha mãe ter morrido com cinquenta e um anos.

Agora sou eu que tenho cinquenta e um anos. Olho no espelho e me espanto: sofri transformações lentas, mas inegáveis. Ali está ela com seu cabelo salpicado de cinza, os olhos escuros e intensos, aquela expressão no meu rosto. Quando ouço minha voz, é a voz dela. Eu me tornei minha mãe.

Estou entrando num novo e estranho estágio da vida. Eu sempre olhei adiante para ver minha mãe. Num instante cheguei perto dela. Agora estou começando a ficar mais velha que minha mãe. A direção em que eu olhava para vê-la vai mudar.

Em breve terei de olhar para trás.

Aos poucos, minha mãe vai se tornar jovem em comparação a mim. No lugar dela, quem vai ficar velha sou eu - sou eu quem vai ficar com a cabeça branquinha, do jeito que ela devia ter ficado. Quem vai ficar com aquele modo de andar mais maduro, quem vai ver as rugas suaves que ela nunca viu. E isso vai continuar até o dia em que eu tiver setenta e cinco anos, a idade que ela teria hoje. Nesse dia, completada a inversão de papéis, eu me virarei para ela a fim de olhá-la, mas verei, no seu lugar, minha própria filha, com cinquenta e um anos - minha mãe.

**Sou um reflexo das minhas gerações passadas
e a essência das que vêm depois de mim.
MARTHA KINNE**